

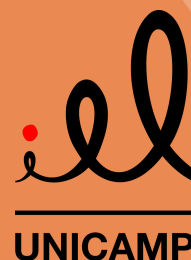
Caderno de Resumos

II COLÓQUIO EXODUS:

Literatura brasileira contemporânea – Aproximações e
Divergências

27 e 28 de Setembro de 2021

IEL/Unicamp



Mesa 1: A cidade e seus órfãos – 10h-12h

Mediador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

Memórias Perdidas de um Eldorado em Ruínas: Dois Irmãos e Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum

Expositora: Ma Lin (Universidade de Pequim)

Resumo: Dois Irmãos (2000) e Órfãos do Eldorado (2008) são obras bem recebidas do autor manauense Milton Hatoum. Enquanto o primeiro livro conta a história de uma família de origem libanesa, focalizando na relação conturbada entre dois irmãos gêmeos Yaqub e Omar, o segundo, uma novela, trata de vida de Armindo Cordovil, homem de família rica que gasta toda a herança por se vingar da rejeição do pai e mora sozinho na pobreza, esperando a volta da única mulher que ama. Ambas as histórias têm como pano de fundo a cidade de Manaus. A novela situa-se no período do primeiro “ciclo da borracha”, enquanto o romance parte daí, mostrando o desenvolvimento de Manaus já em meados do século XX. As duas narrativas juntas nos permitem observar uma capital amazônica com suas aparências distintas transformando-se no tempo, cuja história se relaciona estreitamente com a história do Brasil, um Eldorado perdido com as pessoas que vivem na marginalidade, testemunhas que são ignoradas e esquecidas na história. Os sujeitos mais vivos dessas memórias são os pobres, nativos ou imigrantes nacionais e internacionais. Eles testemunham a mudança da cidade, mas têm sua presença apagada pela história oficial. Milton Hatoum consegue, ao mesmo tempo, guardar a verossimilhança da realidade externa da região e desconstruir as representações estereotipadas historicamente estabelecidas.

Leituras da cidade em O Buraco na Parede (1995), de Rubem Fonseca

Expositora: Lu Zhengqi (Mestrado THL, Unicamp)

Resumo: O trabalho presente tem por objetivo esclarecer como o narrador se posiciona para manifestar relações do homem urbano com a metrópole e, a partir daí, estabelecer conexões entre os oito contos em O Buraco na Parede (1995), de Rubem Fonseca. Em The City in Literature (1998), Richard Lehan declara que “reading the city is only another kind of textual reading” (p. 289); veremos, pois, na obra em questão, que tanto o texto urbano como o seu leitor se encontram contemplados pela narrativa. Elaborados em primeira ou terceira pessoa, os contos compartilham o mesmo efeito de representação. Em tom neutro, o narrador – oculto no caso de narrativas em terceira pessoa – toma a voz do protagonista abjeto, para demonstrar o buraco na parede que se ergue entre o interior do protagonista e o ambiente em torno dele. Nesse sentido, das oposições visíveis em “A Carne e os Ossos” à contradição íntima em “Orgulho”, do lirismo raro em “O Balão Fantasma” à opressão indiferente em “O Anão”, vê-se manifestar a condição de protagonistas abjetos na megalópole e, ao mesmo tempo, o vazio, que dá razão para a fragilidade da alma. Em vez de andar pelas ruas, que é um dos meios mais tradicionais de olhar a cidade, Rubem Fonseca chama atenção para o meio secreto que recorre ao buraco na parede, como o narrador protagonista no conto que dá título ao livro. Naquele que está espreitando à abertura pequena, enquanto indica a fraqueza íntima e a atração do outro lado, o Autor enfatiza a limitação e fragmentação da visão, descobrindo uma outra perspectiva de contemplar e sentir a metrópole.

Modernização e temporalidades conflitantes no Brasil contemporâneo: uma leitura de Luiz Ruffato

Expositor: Alyson Carvalho (Mestrado THL, Unicamp)

Resumo: Quando refletimos sobre as relações que podem ser estabelecidas entre literatura e desenvolvimento sócio-econômico, é fato que devemos considerar as espacialidades múltiplas que caracterizam o projeto frustrado de modernização brasileira das últimas décadas. Ao tentar apreender esteticamente tal processo, em sua pentalogia Inferno Provisório, Luiz Ruffato consegue magistralmente captar o entre-lugar do trabalhador junto à (de)ilusão da modernização como promessa de ascensão social. A presente apresentação objetiva esmiuçar as agruras de tais ambivalências, se valendo do último volume, “Domingos sem Deus”, como objeto da exposição. Nessas histórias, já longe da vivência estagnada que representava permanecer em Rodeiro ou Cataguases, personagens deambulantes, ao remoerem o passado, lutam pela dignidade nas duas grandes metrópoles brasileiras: São Paulo e Rio. O autor, assim, conclui sua epopeia proletária num mundo de ruínas, frágil e desordenado, em que as soluções de teor modernizantes não conseguiram se sobrepor à conjuntura de desigualdade, tão caracteristicamente brasileira.

Mesa 2: Ditadura militar em diferentes gêneros: romance, conto e memórias – 14h-16h

Mediador: Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo

Desarquivando a barbárie – uma releitura do conto “J.P.Barcas e os demais”, de Haroldo Maranhão

Expositora: Sueli Funari (Doutorado THL, Unicamp)

Resumo: A presente comunicação propõe uma releitura do conto “J.P Barcas e os demais”, do autor paraense Haroldo Maranhão, sob a perspectiva da literatura como construção da memória social e como um ato de resistência à cultura do esquecimento, no que tange à ditadura militar brasileira. A partir de uma arquitetura alegórica, essa narrativa remete a “estranhas mortes”, suspeitas e associadas, de figuras que compõem o círculo social do narrador, cujas circunstâncias transitam entre o improvável e o fantástico. Regado com chiste e ironia, o conto alude ainda ao jogo de eliminações presentes nas narrativas policiais. Destacamos, por fim, a alegoria política identificada no conto, possíveis referências ao contexto político brasileiro em que vigorou o AI-5. Utilizaremos como aporte teórico de nossa leitura Paul Ricoeur, Beatriz Sarlo e Eurídice Figueiredo.

Espectros da violência: 1964 e seus fantasmas na obra A resistência, de Julián Fuks

Expositor: Felício Laurindo Dias (Doutorado THL, Unicamp)

Resumo: Esse trabalho parte da identificação de uma profusão de fantasmas que acompanham as demandas políticas, históricas e midiáticas da atualidade, em especial os espectros relacionados aos regimes totalitários e autoritários que modularam o século passado. Nesse contexto, propomos uma leitura da narrativa A resistência (2015), de Julián Fuks, destacando parte dos fantasmas que estão a nos rondar desde, pelo menos, o ciclo de ditaduras militares latino-americanas. A anacronia que a ditadura parece impor ao presente é a condição do espectro. Elegemos como suporte teórico as reflexões de Jacques Derrida em torno da espectralidade, sobretudo em Espectros de Marx (1994), livro no qual o filósofo interpreta o passado sob o crivo da dívida e da herança.

As representações do corpo em Marcelo Rubens Paiva

Expositora: Caroline Peres Martins (Mestra em THL, Unicamp)

Resumo: Em Feliz ano velho (1982) e Ainda estou aqui (2015), de Marcelo Rubens Paiva, as representações e apresentações do corpo, entre a presença e a ausência, tornam-se um importante fio narrativo, no qual se inscrevem os traumas do autor. Já em sua estreia literária, na década de 80, por meio desse fio narrativo ele busca simbolizar, sobretudo, a paralisação do seu corpo (este, embora estivesse presente, ficara imóvel, como se não se encontrasse ali). Já nesse livro, contudo, podemos identificar o início da elaboração de um segundo trauma, relacionado ao assassinato e ao desaparecimento dos restos mortais do seu pai, o ex-deputado federal Rubens Paiva. O crime de desaparecimento forçado, praticado pela ditadura militar brasileira, é responsável por dificultar o luto e a elaboração simbólica dos familiares das vítimas. Nesse sentido, o escritor voltará a narrar, dessa vez com bem mais fôlego, o sequestro e a morte do seu pai em Ainda estou aqui (2015), livro no qual retomará ainda a história de engajamento político de sua mãe, frente à sua progressiva perda de memória, causada pela doença de Alzheimer.

A mulher na literatura sobre ditadura militar brasileira

Expositora: Ana Julia Prado (Graduação em Estudos Literários, Unicamp)

Resumo: A literatura, assim como a história, tem representado a ditadura militar brasileira desde os anos 60, com obras que a denunciaram no calor da hora. A partir da reabertura política e, em especial, dos debates promovidos pela Comissão Nacional da Verdade, a literatura tem combatido as representações oficiais e o esquecimento nacional, tornando-se um espaço para a elaboração do luto. É possível identificar, nesse contexto de reelaboração simbólica, o lançamento recente de obras de autoria feminina que buscam representar a mulher no contexto ditatorial de forma mais plural e com maior protagonismo. Longe do silêncio e da invisibilidade, essas mulheres agora à luz de uma memória são mães, militantes, representantes da classe trabalhadora e da classe estudantil.

27 de setembro

Mesa 3: Outros tempos, outros espaços: paisagens esquecidas – 17h-19h

Mediador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

Astrid Cabral e os fantasmas de certo Oriente

Expositor: Fadul Moura (Doutorado THL, Unicamp)

Resumo: O presente trabalho visa à apresentação de resultados parciais de pesquisa de doutorado sobre a poesia de Astrid Cabral, poeta manauara radicada no Rio de Janeiro. No presente recorte, analisam-se poemas de Torna-viagem (1981), escrito a partir das memórias da época em que a autora viveu no Oriente Próximo. Longe de compor um registro ou um diário de viagem, seus poemas demonstram o trabalho criativo sobre o tema da navegação. A poeta investe a máscara do viajante e problematiza a transformação de lugares às margens do Mediterrâneo. Desse modo, busca-se analisar como espaço e tempo se entrecruzam, evidenciando territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas.

A criação poética no Sertão do Pajeú: os Nordeste e a poesia popular

Expositora: Maria Vitória de Rezende Grisi (Doutorado, Ohio State University)

Resumo: O Sertão do Pajeú foi batizado em homenagem ao rio homônimo e sazonal que cruza toda sua extensão, nascendo no município de Brejinho e se juntando ao famoso Riacho do Navio no município de Floresta. O Rio Pajeú carrega uma potência imagética e simbólica muito maior do que a potência de suas águas, já que ele fica praticamente seco durante grande parte do ano e, em tempos de seca extrema, quase desaparece. Entretanto, a sazonalidade e a seca não impediram que ele se tornasse o principal elo do imaginário poético da região. Navegar em suas águas é a metáfora de banhar-se nessa vastidão poética. O presente trabalho busca apresentar brevemente as principais características da criação poética do Sertão do Pajeú e discutir como a formação do que conhecemos como região Nordeste se deu enquanto um conjunto de discursos de alteridade e dependência. A partir desta análise, o trabalho chega na poesia do Sertão do Pajeú já com a compreensão de que existem inúmeros discursos escondidos por trás da crítica literária e que as relações de poder são uma constante nos projetos que se dizem em prol de toda a nação.

Marco Intemporal: guerras de extermínio nos sertões e construção da nacionalidade em O Língua, de Eromar Bomfim

Expositor: Francisco Foot Hardman (Unicamp)

Resumo: Eromar Bomfim é um escritor baiano de Formosa do Rio Preto, no extremo noroeste do estado, o mais distante município de Salvador. Emigrou na adolescência para a cidade de São Paulo. Seus romances refletem esse trânsito radical entre experiências diversas. Se em O olho da rua (2007) é a condição do desemprego urbano que domina a cena, em Coisas do diabo contra (2013) é a violência de classe que prospera. Ambientado na metrópole paulistana, a tese do “crime compensa” (pelo menos para os poderosos) amplia-se aos extremos de uma história nacional marcada por genocídios, a qual não se afasta muito do cenário mundial contemporâneo de massacres e invasões que os EUA protagonizam. Bem ao contrário, uma linha sanguinolenta contínua acompanha essa saga demoníaca. Mas, será em O Língua (2018) que o autor radicaliza sua visão do passado colonial brasileiro, entre guerras de extermínio nos sertões da Bahia, entradas e bandeiras escravistas e etnocídio dos povos originários. E os fantasmas dos mortos ainda teimam em assombrar a nacionalidade fraturada. Haverá tempo e lugar para reconhecimentos? Pois “quem tem olhos e vê não se deixa guiar”.

28 de setembro

Mesa 4: Novas figurações da violência no Brasil – 10h-12h

Mediadora: Prof. Dra. Daniela Birman

Quando a Periferia Se Torna Centro – A “Convivência Conflituosa” em O Sol na Cabeça de Geovani Martins

Expositora: Fan Xing (Universidade de Pequim)

Resumo: O Sol na Cabeça (2018), livro-estrela do jovem favelado Geovani Martins, consta de treze contos criados a partir das experiências e memórias do autor. Mesmo que focalize a vida dos pobres nas metrópoles brasileiras, Geovani Martins se livra do estereótipo de favelados sofridos e violentos, e quebra o paradigma da literatura marginal de hoje, porque em O Sol na Cabeça os moradores da favela não são meros objetos de observação ou vítimas agressivas, mas se tornam verdadeiros sujeitos ativos que sabem lutar contra a discriminação e desigualdade por meios não violentos. Nesse sentido, pode-se dizer que ele não só mostra a "periferia" ao "centro", mas consegue tornar a periferia o próprio centro.

Autobiografia, autoficção e testemunho como artifícios na construção do "romance autobiográfico" Pai, pai (2017), de João Silvério Trevisan

Expositor: Arthur Antunes Araújo (Mestrado THL, Unicamp)

Resumo: Este trabalho busca pensar os (já disputados) conceitos de autobiografia, autoficção e testemunho na construção da narrativa de Pai, pai (2017), de João Silvério Trevisan, como técnicas narrativas para construir "espelhos ilusórios" no texto de ficção, como o autor afirma numa entrevista sobre uma obra de vinte anos atrás. A obra ficcional de João Silvério Trevisan é permeada de referências autobiográficas e talvez tenha alcançado seu ápice de auto-referência no "romance autobiográfico", como é assinalado na ficha catalográfica. Na obra, o narrador homônimo do autor busca rememorar episódios de sua vida ao mesmo tempo em que tenta recuperar a história de seu pai, num "processo de cura", nas palavras do narrador, para a relação conturbada de ambos.

Território, trânsito e identidade em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior

Expositora: Daniela Birman (Unicamp)

Resumo: Bastante celebrado, o romance Torto arado, de Itamar Vieira Junior, foi agraciado com três prêmios da literatura brasileira e lusófona (Jabuti e Oceanos, em 2020; Leya, em 2018). Nesse mergulho pelo universo rural do interior da Bahia, percorremos as violências existentes nas relações com a terra, trabalhistas e de gênero. Ao tratar do romance nessa comunicação, interessa-nos discutir seu diálogo com dois outros trabalhos do autor, de natureza diversa, porém intimamente imbricados com a produção literária: sua atuação como funcionário público do Incra, no Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas, na Bahia; e o estudo que resultou em sua tese de doutorado (defendida no Programa em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia), centrada no processo de regularização fundiária da comunidade quilombola de Luna, na Chapada Diamantina. Buscaremos ainda, ao ler o romance, examinar a construção identitária de comunidades quilombolas levando em consideração seu vínculo não apenas com a terra, mas também com os percursos de peregrinação e trânsito, idas e vindas daquele território e/ou para aquele território, de trabalhadores livres e escravizados.

Mesa 5: Vozes femininas: escrita e escuta de mulheres – 14h-16h

Mediadora: Prof. Dra. Daniela Birman

“Mulheres bandidas”: a transgressão dos estereótipos femininos em Cadeia: relatos sobre mulheres (2019), de Debora Diniz.

Expositora: Júlia Oblasser Paladino (Mestrado THL, Unicamp)

Resumo: Este trabalho pretende analisar na obra *Cadeia: relatos sobre mulheres* (2019), da antropóloga Debora Diniz, a representação de corpos indóceis (DINIZ, 2019, p. 14), retratados por mulheres que matam, traficam, rebelando-se contra a subestimação de sua capacidade de delinquir (ALMEIDA, 2000, p. 135). Diniz narra sua experiência de escuta e observação na Penitenciária Feminina do Distrito Federal durante seis meses, figurando-se como mediadora de testemunhos de um espaço que abriga cerca de setecentas mulheres, “as grávidas, as doentes, as velhas ou as muito jovens, as estrangeiras, as loucas e as líderes” (DINIZ, 2019, p. 10), negras, pobres e com filhos.

Sete pragas de cortar o coração do país e amor: as crônicas de Marilene Felinto

Expositora: Luciana Lima Silva (Doutorado THL, Unicamp)

Resumo: Marilene Felinto, pernambucana radicada em São Paulo, possui escrita versátil: é articulista, cronista, contista, ensaísta e romancista. Vencedora do Prêmio Jabuti Revelação de Autor com o livro *As mulheres de Tijucopapo*, em 1983, apresenta indiscutível qualidade técnica nos textos que produz, mas, apesar disso, viu-se sem espaço para publicações durante muitos anos. Mais recentemente, a partir de sua festejada participação na FLIP 2019, em que criticou de maneira contundente Euclides da Cunha, o homenageado daquela edição, a autora foi redescoberta pelo público leitor e voltou a escrever para um jornal paulistano de grande circulação. Militante de causas sociais, além de crítica atuante do conservadorismo, Marilene Felinto não hesita em expor ideias de modo franco e mordaz. Partindo desses pressupostos, a ideia desta comunicação é celebrar a produção de Marilene Felinto, apresentando dados biográficos e expondo temas recorrentes no universo narrativo da autora por meio de algumas crônicas jornalísticas escritas por ela.

Performatividades e autorias no Slam das Minas-SP: a voz viva da literatura marginal contemporânea

Expositora: Heloísa Malta Buttini (Mestrado THL, Unicamp)

Resumo: A partir das performances documentadas na quarta edição do Slam das Minas-SP, realizada em 2019, refletiremos sobre como a atuação da performatividade e a reivindicação de autoria vêm alterando o campo literário brasileiro contemporâneo. Para tanto, serão analisadas as participações de dois poetas no evento, Midria Pereira e Ayo Lima, chamando a atenção para os temas e a linguagem explorados em seus poemas. Assim, colocaremos em cena a hipótese de um “retorno do autor”, o papel da oralidade na literatura marginal contemporânea e as diversas fronteiras estabelecidas nos slams.

Título: Stella do Patrocínio: visibilidade não é escuta

Expositora: Anna Carolina Vicentini Zacharias (Doutorado THL, Unicamp)

Resumo: Stella do Patrocínio (1941-1992) foi uma mulher negra que teve a vida atravessada pela internação em instituições psiquiátricas. Aos 21 anos, a polícia a sequestrou no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, e a encaminhou para o Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro. Poucos anos depois, ela foi transferida para a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, onde morreu após mais de duas décadas de internação, sendo enterrada como indigente. Nomeada poeta brasileira em 2001 com a publicação do livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, organizado por Viviane Mosé, ela e sua obra se tornaram desde então tema de pesquisa no campo dos estudos literários e em áreas afins. Esse trabalho pretende discutir e ampliar discussões realizadas anteriormente no mestrado a respeito dos discursos produzidos no manicômio e no campo literário sobre Stella do Patrocínio, responsáveis por uma representação da autora que contradiz frontalmente o que ela afirmava sobre si. É nesse contexto, por exemplo, que a pesquisadora e curadora Diane Lima afirma que Stella do Patrocínio é a “mulher que vemos, mas não ouvimos”. Assim, neste trabalho, mostraremos por que dar visibilidade a Stella do Patrocínio e nomeá-la poeta não garantiu que ela fosse recebida pela literatura como um sujeito que tem a verdade sobre si.